

DA RECUSA À ACEITAÇÃO

- A fuga na diversão
- Caminho abertos:
- interioridade, diálogo, solidariedade,

1. A «diversão» e seus processos

Há muitas maneiras de não aceitar a solidão. Uma delas é puramente negativa, define-se apenas pela omissão ou, mais exatamente, por uma fuga velada. É a «diversão», essa solução ilusória que consiste unicamente em fugir ao problema, agravando-o, porém, ainda mais. Muitos homens, observa Thomas Merton, «têm tanta aversão a estarem sós ou a sentirem-se sós, que fazem tudo para esquecerem a sua solidão». Fazem tudo para não terem de se enfrentar com a sua verdade mais profunda. A sua vida é uma agitação constante, por vezes a pretexto dos melhores ideais, se não mesmo em nome da expansão do Reino de Deus. Mas não têm tempo para parar ou para refletir, e muito menos para rezar. Transformam a existência numa grande «distração», numa evasão, que os impede de entrar em si próprios e de avaliar o que são e o que fazem. Conseguem assim, aparentemente, evitar a sua própria companhia durante as vinte e quatro horas da jornada, mas, em vez de superar ou transfigurar a sua solidão, atordoam-se, lançam-se no tumulto, esquecendo que «quem tem medo de estar sozinho, nunca será senão um isolado, por muitas que sejam as pessoas de que se rodeie ou as atividades em que participe».

Alguns estão tão habituados a este estado de anestesia, que entram em pânico quando não têm nada nem ninguém a distraí-los. Se lhes falta, por algum motivo imprevisto, um amigo a quem visitar, um disco para ouvir ou simplesmente a televisão para ver, descobrem-se de frente a si mesmos, mas não suportam a crueza desse encontro. É então que se apercebem de que precisam desesperadamente dos outros. Mas precisam deles para os consumir, para se servirem deles como cenário do seu egoísmo, como se assim fosse possível preencher o vazio do seu espírito ou transformarem-se na pessoa que julgam dever ser.

Mas qual será o verdadeiro motivo deste medo de parar, deste horror à solidão e ao silêncio? Escutemos o diagnóstico de Pascal: «Nada mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem negócio, sem divertimento, sem aplicação. Sente então o seu nada, o seu abandono, a sua dependência, a sua incapacidade, o seu vazio. Imediatamente sairá do fundo da sua alma o tédio, a escuridão, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero.

Quando um homem se encara consigo próprio, no solitário fundamento do seu ser, não poderá deixar de interrogar-se sobre o valor da sua existência, sobre a autenticidade e o sentido da vida que leva. Começará então a dar-se conta do que até então procurara esconder sob a capa da diversão e seus ardis. Na sua peculiar densidade, a solidão é como um espelho, em que muitos reconhecem finalmente que vivem isolados, apesar de mergulharem a cada momento na multidão ou numa vida social muito intensa, ou ainda de que se esforçam em vão, afadigando-se sem descanso sem saber para quê.

O medo da solidão é, portanto, o medo de olhar de frente a própria vida e de reconhecer a sua falsa lógica. É a antecipada certeza de não vir a encontrar, no meio de tanta agitação, nada mais senão « vaidade e correr atrás do vento » (Co 2,26). É a fundada hipótese de entrar dentro de si e descobrir um estranho.

Por outro lado, no desprezo pelo Absoluto, no abandono ou no esquecimento de Deus, o homem do nosso tempo define-se de bom grado pela sua relação com a história, a arte, a ciência, a política ou até, ultimamente, a ecologia, mas trata-se de meras manobras de diversão que mascaram o vazio e a ausência de um critério de verdade e de valor que suporte em cada momento, e precisamente nesta terra, a consciência do desespero de não poder resistir às forças que operam no tempo. De facto, se Deus não existe, já não há essências, mas somente existências, que o tempo desloca e arrebatava consigo.

E é por tudo isto que a « diversão » prevalece, mas com ela é o homem que se isola cada vez mais a si mesmo e da sua verdadeira vocação antecipando de algum modo a própria morte, como adverte Pascal, com grande clarividência: « A única coisa que nos consola das nossas misérias é a diversão, e, contudo, é a maior das nossas misérias. Porque é isto que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos faz perder insensivelmente. Sem isso, estaríamos no tédio, e este tédio impulsar-nos-ia a procurar um meio mais sólido de sair dele. Mas a diversão entretém-nos e conduz-nos insensivelmente para a morte »

Muito embora se trate de um momento crucial e de particular exigência, é indispensável, portanto, desmascarar a «diversão» e enfrentar a solidão como ela é, sem paliativos nem disfarces. Esta é a primeira resposta humana, um primeiro caminho a percorrer para que o homem seja digno de si e da sua Solidão.

Enfrentar a solidão com lucidez é um primeiro caminho, como acabamos de afirmar, mas coloca-nos apenas no limiar da sua necessária solução. E pode acontecer que essa visão realista, ou tida como tal, não desemboque numa solução autêntica, mas apenas numa falsa resposta que agrava muito mais o problema, e tanto mais, quanto é só aparentemente que o resolve.

CAMINHOS ABERTOS

1. Individualidade e interioridade

É preciso encontrar uma saída positiva e fecunda para a solidão, que pode ser um ponto de chegada, uma conquista, o termo de uma caminhada longa e exigente. Um primeiro passo é o encontro ou reencontro de cada um consigo próprio. Muitos homens vivem confundidos com a estrutura social, absorvidos pela multidão, perdidos no anonimato. A sua reação mais habitual é a imitação, o conformismo, quase perderam a consciência da sua individualidade. Caminham ao sabor das modas culturais, dos slogans decretados pelas ideologias dominantes, sem espírito crítico nem consciência da sua responsabilidade pessoal.

Mas é então que se torna mais urgente descobrirem quem são, para bem de si mesmos e dos outros. Na verdade, se não forem capazes de se distinguir da massa dos outros homens, jamais poderão amá-los e respeitá-los. Se o homem não se separar dos outros o suficiente para distinguir o que é seu e o que é deles, nunca descobrirá o que tem para lhes dar, nem nunca lhes concederá a oportunidade para lhe darem alguma coisa.

É um movimento de distinção do eu individual para o homem tomar consciência da sua unicidade. Quanto mais alguém se encontra empenhado nas realidades deste mundo, quanto mais intensa é a sua atividade profissional e social, mais necessita de aprofundar a consciência do seu próprio ser.

Para tanto, cada pessoa necessita de ultrapassar as barreiras que o separam de si próprio. A solidão positiva passa, pois, pela via da interioridade, que, porém, não é sinónimo de introversão. A solidão não é, nem nunca poderá ser um diálogo narcisístico do eu consigo próprio. Não consiste num vazio interior ou mental deliberadamente cultivado. Também não significa decretar a arbitrariamente a inexistência do mundo exterior, a supressão dos outros e das suas solicitações, para permanecer depois num espaço interior obscuro, silencioso, e confortável em que nada acontece e onde já não há problemas. Seria recair uma vez mais numa falsa solidão, tão ilusória como perigosa, sinal e causa, ao mesmo tempo de egoísmo doentio. O homem que se fecha nesta solidão psicológica voluntária torna-se incapaz de qualquer comunicação objetiva com a realidade.

A solidão como interioridade nada tem a ver com um autocomprazimento solipsista. A verdadeira solidão separa cada homem dos restantes, de modo que ele possa livremente fomentar o bem que lhe é próprio e realizar assim o seu verdadeiro destino, colocando-se ao serviço de todos os outros. A falsa solidão separa o homem dos seus irmãos de forma tal que já não lhe é possível dar-lhes coisa alguma ou receber deles seja o que for no seu próprio espírito.

A solidão como individualidade e interioridade sublinha o mistério pessoal de cada homem, salva-o do anonimato a que o condena a multidão, fá-lo penetrar dentro de si mesmo, mas só será positiva e fecunda se for, simultaneamente libertação do egoísmo que radica no coração do homem. Quanto mais verdadeira e profunda for a penetração de cada ser humano no seu santuário interior, maior será o auto-despojamento, o esvaziamento do amor próprio mesquinho, e, em consequência, a disponibilidade e a fecundidade de toda a sua vida.

A solidão que importa cultivar é, portanto, esta solidão interior, que não nos afasta dos outros, mas nos une com eles, porque nos leva a sermos senhores de nós mesmos e não escravos. É a solidão de coração, serena e construtiva, que pode existir e consolidar-se até mesmo no centro de grandes cidades, por entre uma densa multidão e no contexto de uma vida laboriosa e produtiva. Aquele que a possuir não viverá uma vida fragmentária, na dependência dos estímulos divergentes do mundo que o rodeia, mas saberá permanentemente reconduzir-se a uma unidade de vida, a um centro interior onde há sempre paz. Por isso, não é muito difícil distinguir á nossa volta quem é inquieto e quem é calmo, quem se encontra coagido e quem é livre, quem é isolado e quem é solitário.

Quem vive a solidão de coração saberá prestar um ouvido atento às palavras e ao mundo dos outros, mas, quando é o isolamento que nos guia, somos levados a escolher somente as observações e os eventos que dão satisfação imediata às nossas insaciáveis necessidades.

Nesta solidão de coração está, portanto, a condição de possibilidade do verdadeiro encontro com os restantes homens. De facto, as relações humanas só são dignas deste nome, se visam atingir o eu íntimo dos homens e se encontram, por consequência, ancoradas na solidão. O egoísta, encerrado no seu pequeno mundo, e, de maneira semelhante, o homem alheio a si próprio, é suscetível, quanto muito, de manter uma relação gregária com os outros; facilmente se deixará possuir pela ilusão coletiva da «experiência de grupo» ou pelo mero «convívio», mas será incapaz de uma relação profunda. Pelo contrário, o eu interior está, não só separado, mas, ao mesmo tempo, unido com todos os outros num plano superior, que é de facto o plano da solidão espiritual.

Esse plano espiritual coincide, em última análise, com o da caridade sobrenatural. Mas já de um ponto de vista simplesmente humano o espaço do recolhimento interior e também espaço de acolhimento que nos torna presentes a nós mesmos, que nos torna presentes aos outros e torna os outros presentes em nós. Se a intimidade não for conhecida, possuída e protegida religiosamente não é possível uma verdadeira comunicação.

Conhecendo o nosso próprio segredo individual podemos aproximar os outros, no seu próprio segredo, com infinito respeito, mas ao mesmo tempo com a consciência de termos uma grande riqueza a partilhar. Amar alguém significa respeitar o seu segredo íntimo, a sua profundidade, que somente Deus pode conhecer e penetrar, mas ao qual é possível também a nós é consentido ter acesso num clima de recíproca confiança e entrega.

A solidão interior consiste numa disponibilidade para o acolhimento do outro, mas também num apelo a responder a esse apelo. A solidão do coração é, portanto, indispensável para a construção da comunidade e para qualquer relacionamento interpessoal. A solidão esta para a sociedade como o silêncio para a palavra, o ar para os pulmões ou o alimento para o corpo. Sem ela o próprio diálogo será mero palavreado, comunicação febril vazia de conteúdo autêntico.

Sem solidão não há comunidade porque a comunidade é como uma floresta, que será bela, se cada uma das suas árvores for forte e tiver

raízes vigorosas: mas estas raízes são solitárias. Se pretender invadir ou destruir a solidão interior dos membros que a compõem, estará por esse mesmo facto a condenar-se à morte, por asfixia espiritual.

Daqui a importância, em particular para aqueles que vivem a agitação característica de uma existência secular, de um movimento periódico e até diário de uma certa solidão física, que lhes permita superar a agitação e o tumulto quotidiano. É crescente o desejo de penetrar no deserto, não para nele permanecer, mas para retornar às tarefas habituais na posse plena da própria interioridade, constantemente ameaçada pelo fragor que ensurdece e despersonaliza. A solidão física estará assim em função e ao serviço da solidão interior. e a solidão interior ao serviço da comunhão entre os homens, não apenas, porém, como uma meta a atingir, mas como uma dimensão constitutiva da própria comunhão.

2. A via do diálogo

A tomada de consciência, por parte de cada homem, da sua solidão radical, ontológica e da vocação e missão que desta provém, é um ato sumamente pessoal, em que ninguém pode ser substituído por ninguém. É o próprio eu que tem de abarcar, em plena liberdade, a profundidade e a vastidão do seu mistério, e assumir a conseqüente responsabilidade.

O diálogo é um momento importante de encontro entre as pessoas. Na medida em que o diálogo for edificado na verdade e na consideração do segredo a que acede e dá acesso, permitirá a cada um dos interlocutores descobrir-se e conhecer-se a si mesmo sob uma nova luz, penetrando mais profundamente e de uma forma que antes lhe era inacessível no seu próprio mistério pessoal. Neste sentido, o diálogo não é simplesmente uma interrupção material da solidão, mas também uma via de acesso para atingir a posse plena da nossa irreduzível individualidade.

O diálogo que interrompe e preenche a solidão coloca frente a frente os parceiros humanos, numa perfeita transparência e sinceridade, mas que ao mesmo tempo se abre para além de si próprio. O diálogo, na sua dimensão humana, tem decerto o seu valor intrínseco, mas é um valor incompleto, que facilmente decai no egoísmo «a dois» ou no egoísmo «de grupo» se não souber ou quiser ir mais longe, isto é, se não se abrir ao Tu transcendente e pessoal, que fundamenta, em termos absolutos, qualquer encontro interpessoal autêntico.

3. Participação e solidariedade

Aos dois caminhos percorridos até este momento, a via da interioridade pessoal e a via do diálogo, deveremos acrescentar agora um terceiro, que aproxima mutuamente os indivíduos na relação comunitária, mediante os laços da participação e da solidariedade.

O movimento de distinção ontológica própria da «solidão interior» não termina, como vimos, numa nova reclusão do eu dentro de si mesmo, antes frutifica numa abertura aos outros, fundamentada na posse plena e consciente do próprio mistério pessoal. Esta abertura encontra uma realização privilegiada no diálogo aberto ao sentido transcendente, o qual, por sua vez, é também um meio de individualização ou personalização, no seu significado integral.

Mas não só no diálogo entre duas pessoas, por mais denso e construtivo que este seja, se exerce a superação da solidão-isolamento. Esta realiza-se também no âmbito do agir, e em particular do agir juntamente com os outros.

Cada homem, normalmente, age com outros homens, e mesmo quando a sua ação é materialmente realizada de forma distinta e separada das ações dos outros, destina-se a convergir com essas de maneira dinâmica, na unidade do mesmo fim objetivo e subjetivo, isto é, do bem comum.

Este agir com os outros pode ser convenientemente caracterizado pela noção de participação a qual indica que o homem atuando juntamente com os outros mantém nesta ação o valor personalista do próprio ato e ao mesmo tempo beneficia dos resultados da ação comum. Em sentido inverso, pode dizer-se também que graças a participação o homem atuando juntamente com os outros mantém tudo o que resulta da ação comum e simultaneamente, através disto mesmo, realiza o valor personalista do próprio ato.

Anteriormente a todas as soluções de ordem social, assistencial ou política, antes mesmo de todas as palavras e de todas as ações, requer-se esta participação em nome da comum humanidade, à qual poderá também chamar-se solidariedade. Sem ela, poderá haver soluções técnicas mais ou menos eficazes, mas não respostas plenamente humanas. E mesmo quando as soluções técnicas se revelarem de todo inviáveis, como pode acontecer junto de um diminuído, privado de qualquer tipo de reação sensível, ou de um doente em estado grave ou até de um moribundo que penetra sozinho no mistério da morte,

prevalecera sempre esta sintonia essencial talvez silenciosa talvez incapaz de qualquer manifestação exterior, talvez aparentemente inútil que porem se aproxima com imenso respeito do outro homem ainda que o seu rosto se encontre desfigurado pela mais grave provação e o acompanha intimamente com a sua solidariedade.

Esta, por sua vez, se for verdadeira, desencadeará as mais diversas aplicações concretas, adequadas a cada circunstância. Não poderá tolerar que os velhos continuem a ser abandonados, ou que os mais jovens sejam vítimas de um niilismo que os conduz ao desespero e à autodestruição. Mas saberá sempre porque o faz: a sua verdadeira motivação não reside nas ideologias e sistemas políticos, mas no serviço do homem e da sua dignidade. Só nestas condições será possível reconhecer, mais profundamente, que «o homem ultrapassa infinitamente o homem; só então o mesmo homem poderá despertar, e reconhecer a plena dignidade da sua natureza.

Segunda parte, cap. I e II de Jesus Cristo, luz e sentido da solidão do homem. A diversão e os seus processos; O caminho da individualidade e da interioridade; A via do diálogo, da participação e da solidariedade. (p. 123-150).

Resumo de Padre Leone Orlando